

18

deee lite
WORLD
CLIQUE

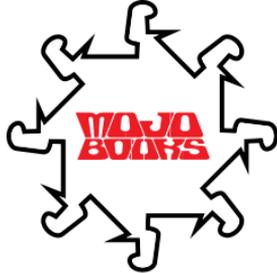


recontado por
GUILHERME
CHOOVANSKY

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

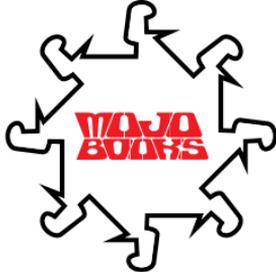
Danilo Corci
organizador



VOLUME 18

WORLD CLIQUE
deee-lite

recontado por **GUILHERME CHOOVANSKY**



VOLUME 18

WORLD CLIQUE
deee-lite

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Abril de 2007

Ao Grant Morrison

TRACK 1 - DEEE LITE THEME

— O que a gente precisa é de um tema.

— Um tema?!

— É, Pearl, um tema.

— Tipo uma música-tema? Como uma abertura de seriado?

— Não. Um slogan, uma meta. Algo para ser ouvido. Algo que nos identifique de imediato. Se a idéia é começar uma revolução, vamos precisar do apoio da população. E, pra isso, um tema é essencial.

— A gente vai precisar do apoio da população, Link?

— Claro!

— Isso vai dar trabalho...

— Amiga, se queremos mudar a sociedade, nós vamos ter de abrir os olhos dessa maioria silenciosa que ficou estagnada pelos últimos séculos. Nem que seja jogando ácido nas pálpebras deles!

— Ui!

— Ok, ok. Eu não acho que vá ser assim tão difícil. Qualquer um pode perceber o ponto em que as coisas chegaram.



— Verdade!

— O avanço da civilização fez dos homens uma raça sem propósito. As máquinas fazem tudo. Nós não trabalhamos mais, não comemoramos mais, não vivemos mais. Viramos um tipo de plantaço de seres humanos. Ovelhas que criaram seus próprios pastores.

— Verdade!

— Nós temos de fazer alguma coisa!

— Verdade!

— E você tem de me ajudar; não ficar só falando “verdade” depois de tudo que eu digo!

— V...! Digo... pode contar comigo, amiga!



TRACK 2 - GOOD BEAT

— Eu só quero ouvir uma boa batida!

— Como?

— “Eu só quero ouvir uma boa batida!” — esse pode ser o tema da nossa revolução! O que acha?

— Você está falando sério, Pearl?

— Claro! Veja, não faz sentido a gente gritar “liberdade, igualdade, fraternidade”. A gente já tem tudo isso! A nossa maldita cultura da opulência nos tirou qualquer necessidade, qualquer desejo. O que está faltando é justamente mexer nisso tudo. Sacudir as estruturas, botar o povo pra se jogar. É isso que nós temos de fazer. E para isso, nós precisamos de uma boa batida!

— É. Acho que você tem razão...

— Viu? Eu sabia que você ia topar!

— É. E isso me preocupa mais ainda... Bom, mas o que a gente faz agora? Quer dizer, com o tema?

— Não é óbvio? Contrata um DJ e cria um *hit*.

— O quê?!

— Não é essa a idéia? Atingir as massas? Sermos ouvidas?



Então... A gente faz uma música, disponibiliza para *download* no disco rígido neural do inconsciente coletivo e vê ela se propagar.

— Bom, mas isso não vai acontecer simplesmente colocando pra *download*.

— É verdade. A gente vai precisar fazer dele um meme¹.

— Sim. É a saída mais fácil!

— Você manja alguma coisa de engenharia memética², Link?

Consciência viral, essas coisas?

— Nada.

— É... eu também não sou muito boa nisso...

— Bom, então a gente vai precisar de um especialista.

— É. Será que a gente encontra algum nos *links* amarelos?

— Bom, teria de ser um que topasse nos ajudar a criar um mecanismo conceitual para derrubar o governo. Não vai ser fácil. Comece procurando em “terroristas”, sei lá...



TRACK 3 - POWER OF LOVE

—Ai, benzão, tô tão estressada...

— Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudá-la?

— Bom, não sei. Eu e a Link temos um problema... Você lembra do nosso plano de derrubar o *status quo* por intermédio de uma revolução?

— Sim. Encontro quarenta e sete menções a ele no seu *blog*.

— Então. Nós já bolamos uma estratégia; uma até bem boa. E eu acredito mesmo que não vai ser difícil. Pode me chamar de ingênua, mas eu ainda acredito nisso.

— E qual o problema?

— Pro nosso plano funcionar é essencial desenvolver um meme que se reproduza e se infiltre no subconsciente das pessoas. Elas têm de se sentir contagiadas pelo poder do amor. Só assim a nossa sociedade pode mudar e perder essa maldita fleuma que envernizou o nosso cotidiano.

— E, repito, qual o problema?

— Meu, tem horas que namorar uma inteligência artificial é



um porre! O problema é que nem eu nem a Link temos conhecimento suficiente de engenharia memética para criar um conceito assim tão complicado... Nós vamos ter de contratar alguém pra fazer isso.

— E, repito, qual...

— O problema é que não dá pra chegar num desconhecido e dizer: “eu quero te contratar para bolar a ferramenta que vai destruir a sociedade como nós a conhecemos!”. Esse é o problema!

— E por quê?

— Primeiro, porque isso deve ser ilegal. Segundo, porque se nós encontrarmos alguém com disposição para quebrar a lei nesta sociedade pedante e autodenominada perfeita, ele provavelmente não será digno de confiança. Depois porque, mesmo que a gente encontre alguém que seja burro o bastante para não entender o que está fazendo e inteligente o bastante para fazer bem a coisa, essa pessoa com certeza vai cobrar uma fortuna.

— Vocês estão cobrando alguma coisa para planejar essa revolução?

— Não.

— Estão fazendo isso por que, então?

— Porque precisa ser feito. Estamos fazendo isso pela causa, sei lá.



— E seria impossível encontrar alguém que criasse o meme pela causa em vez de criá-lo por dinheiro?

— Ótima idéia! Tudo o que nós precisamos é converter um deles pra nossa causa! Não deve ser tão difícil. Faça um favor pra sua queridinha e encontre um especialista em engenharia memética que tenha o fenótipo compatível com o da Link.

— Perfeitamente. Com que propósito?

— Nós vamos precisar dele pra nossa causa. Ficará mais fácil se ele se envolver emocionalmente com ela.

— Preciso recordá-la de que as pessoas já não se envolvem emocionalmente desde 2312, quando foi instituída a portaria regulamentando a subordinação das Taxas de Natalidade Global à média do Índice de Desenvolvimento Humano, e determinando a exclusividade das fecundações *in vitro* para controle da população. Foi providenciado um aumento da dose de dopamina nos reservatórios de água e, desde então, os relacionamentos interpessoais foram reduzidos à esfera social. Esta URL tem dados mais específicos caso você queira...

— Eu sei, eu sei. Justamente por isso que fica mais fácil se eles forem geneticamente compatíveis. Acho que também funcionará melhor se eles acharem que se conheceram por acaso... Se eu apresentar um pro outro, ela vai ficar cheia de dedos...



— Compreendo. Na verdade, eu não compreendo, mas minha programação determina que eu responda que compreendo toda vez que você divaga sobre a ilógica do comportamento feminino.

— É por isso que eu te amo.

— Compreendo. Vou pesquisar o perfil que você me pediu.

— Ótimo! Mas antes...

— Sim?

— Eu queria que você desse uma estimuladinha nos meus centros nervosos de prazer.

— Claro. Devo usar o arquivo carinho.exe ou ativar os periféricos para os protocolos de trepada?

— Nenhum dos dois. Vamos usar o modo randômico.

— Como quiser.



TRACK 4 - TRY ME ON...

I'M VERY YOU

— Eu sonhei que estava caindo num buraco na camada de ozônio.

— É?

— É.

— Eu também tenho esse sonho direto. E aí? Você chegou até o fundo?

— Não. Não que eu me lembre... Por quê? Isso quer dizer alguma coisa?

— Mais ou menos.

— Dá pra se esforçar e ser um pouco menos específica, amiga?

— Não, nada. É que ,desde que eu comecei esses exercícios de Percepção Extra-Sensorial, estou vendo significados ocultos em tudo. É como se o universo estivesse me enviando um *e-mail*, sei lá.

— Um luxo.

— Nem me fale.

— Mas, e aí? Já definiu nosso plano de ação?



— Ainda não. Ontem eu abri as entranhas do meu *iDog* na esperança de ver o futuro, mas lá dentro só tinha um monte de chips. A planilha ouija.xls também não revelou nada. Está tudo meio nublado. E eu conheci um carinha meio estranho que me deixou preocupada...

— É? Como assim?

— Eu estava visitando o Museu da Ciência, em Seattle. Parei em frente à estátua do primeiro necronauta, meio sem motivo. Nem estava prestando muita atenção. Aí o cara veio por trás de mim e leu a holoinscrição: “Carmichael Jones, o primeiro homem a pôr os pés na vida após a morte”. Eu me virei, assustada, e lá estava ele, me olhando.

— E aí? O que você fez?

— Chamei os dróides de segurança, claro!

— Ai, minha mãe! Link, você é um caso perdido!

— Por quê?

— Será que você não percebeu? O cara estava a fim de você!

— Como você sabe?

— Isso é um xaveco. Era assim que os nossos ancestrais se conheciam! Um puxava assunto, o outro respondia, eles iam prum café e decidiam se trocavam os números dos telefones!



— Ahn... Bom... Se é por isso...

— O quê? O que é que aconteceu depois?

— Quando eu saí do museu, ele ainda estava lá, me esperando.

—Sério? E aí?

— Meu primeiro reflexo foi pensar em ativar o alarme de segurança. Mas ele estava me olhando com uma cara meio de bobo, parecia inofensivo, e eu pensei que não corria nenhum risco mais sério.

— Nossa... Você disposta a correr riscos? Quem diria!

— Bom, era um risco calculado. Ele veio até mim, disse que se chamava Tour e perguntou meu nome.

— Sério? Nossa, que xaveco tosco... Já devia ser velho no tempo em que as pessoas usavam pen drives.

— Ai, amiga.

— Desculpa, mas é. E depois?

— Depois eu respondi meu nome e ele me convidou pra ir com ele aos Jardins Suspensos da Groenlândia. Eu topei. Você sabe que eu adoro design antigravitacional.

— Claro, claro...

— Bom, nós passamos a tarde inteira juntos. Conversamos sobre o clima, sobre os nossos astros favoritos, nossos traba-



lhos...

— É? E o que é que ele faz da vida?

— Ele é psicodesigner, trabalha pra uma corporação que se especializou em tornar os produtos da engenharia memética mais *user-friendly*.

— Sério?! Nossa, que perfeito! E você falou pra ele do nosso projeto?

— Do nosso plano revolucionário?! Claro que não! Tá louca?! Isso é segredo!

— Sim, mas um cara com os conhecimentos dele poderia ajudar.

— É? Ah, claro! Ele poderia criar o meme de que nós precisamos.

— E por que você não conversou com ele a respeito?

— Nem pensei. Fiquei meio boba a conversa inteira. Estranho, né?

— Não, não é estranho, amiga. É um sinal de que ainda há salvação pra você ;e pro resto da humanidade, como consequência.

— Acho que vou tomar isso como um elogio. Mas e agora? Não sei o que fazer, mas gosto disso.

— Então vamos ter de correr com isso. Convida o cara pra



vir com você até a minha casa amanhã. Não vai ter ninguém lá. Aí a gente pode dar outro pulso eletromagnético na estrutura habitacional, desligar a energia por uns minutos, pras câmeras de segurança não funcionarem, explicar a situação toda, fazê-lo ver a verdade dos fatos e pedir a ajuda. Ou, se bobear, nós podemos até inseri-lo na nossa célula terrorista!



TRACK 5 - SMILE ON

— Entendeu o nosso plano, Tour?

— Sim, entendi. Mas ele é impossível.

— Quê?!

— Desculpem, garotas, mas é. Entendam, não é que eu não goste da idéia, não é que eu não concorde com vocês. Eu também acho que nós perdemos há tempos o contato com nossas próprias cadeias de carbono. E acredito que uma revolução seria a única maneira de trazer de volta tudo aquilo que nós perdemos conforme fomos aceitando cada vez mais que as máquinas fizessem o nosso trabalho, cuidassem da nossa vida. Juro que eu sei exatamente como vocês se sentem. E mais!

— Diga.

— Essa música... esse tema que vocês arranjaram... Ele é fantástico! Ele diz exatamente o que precisa ser dito. Ele sozinho pode resolver o problema. Boto fé nisso. Mas, pra conseguir o que vocês querem, ele precisa ser ouvido por todos, o que não é nem um pouco fácil.

— Mas é pra isso que você está aqui, pra transformar isso





numa estrutura conceitual que possa agir como um vírus, usar qualquer material disponível para gerar cópias de si mesma.

— Entendi, esse é meu trampo. Mas o problema é exatamente este: a engenharia memética ainda não é assim tão avançada. Eu não posso criar um meme que, mesmo sem qualquer manifestação corpórea, seja capaz de se reproduzir no inconsciente coletivo e também consiga carregar uma música inteira dentro dele. Eu poderia tentar reduzir essa canção a um conceito, quem sabe até uma imagem simples ou um sigilo; mas uma canção inteira e impossível. E eu não acho que qualquer coisa menor do que essa canção vá dar resultado.

— Ok, então. Não vamos desistir. Você tem alguma outra sugestão?

— Bom... pra falar a verdade, tenho sim.

— E qual é?

— Nós jogamos a música no disco rígido neural; fazemos o *upload*. Claro, no meio de tanta informação ela vai se perder. Ninguém vai acessá-la. Ou, pelo menos, não tanta gente quanto seria necessário.

— E aí?

— Aí eu preparo um meme que tenha um conceito universal, simpático a todos, ainda que esquecido, e insiro nele o inocente

endereço do arquivo da música no inconsciente coletivo. Nada de mais. Não vai ser um arquivo anexado, uma mera lembrança inconsciente. Vai ficar tão leve que nenhum programa vai bloqueá-lo.

— Parece uma boa idéia.

— Acho mesmo que pode funcionar. Mas para o meme ser um sucesso ele tem de emular um conceito mais forte. Algo que esteja esquecido, mas que ainda ecoe no subconsciente de todo mundo.

— Certo. E, pelo visto, você também já tem alguma coisa em mente.

— Bom... Eu já estava pensando qualquer coisa do gênero. Algo que a corporação onde eu trabalho queria relançar como produto; mas que, pensando bem, serve muito melhor à nossa causa.

— Que é...?

— Eu estava pensando no amor.



TRACK 6 - WHAT'S LOVE?

Depois que os outros foram embora, Pearl reflete:

— O que é o amor?

— O amor é um substantivo masculino, definido como o sentimento que impele as pessoas para algo que lhes parece belo, digno ou grandioso. Também pode ser a inclinação, de caráter sexual, por outra pessoa ou entidade. Ou ainda uma afeição, uma grande amizade.

— Hã?

— Eu disse que o amor é um substantivo masculino. É definido como...

— Tá, eu já entendi. Meu, tem horas que namorar uma inteligência artificial...

— Você já disse isso.

— Claro que sim, mas tudo bem, amor. E não precisa ficar avisando toda vez que eu disser algo repetido.

— Está bem.

— A minha pergunta sobre o que é o amor era meio retórica.

— Compreendo.

— O que eu estava realmente perguntando é qual a chance desse sentimento... ou melhor, que o nosso meme — que foi criado para emular esse sentimento — seja aceito incondicionalmente por todos os seres humanos?

— Estatisticamente? Zero. Se você for considerar números com apenas sete casas decimais.

— Sério?!

— Sim.

— Nossa, péssimo. E não há nada que possa mudar essas estatísticas?

— Aparentemente, não.

— Alguma consideração digna de nota?

— Sim. Tenho a obrigação de ressaltar que, na condição de inteligência artificial, todas as projeções baseadas em condutas humanas eminentemente emocionais, e que já foram abandonadas há séculos, tendem a ser falíveis.

— Está querendo dizer que você pode estar errado?

— Exatamente.

— Que bom! E isso aumenta as nossas chances em quanto?

— Impossível determinar.

— Isso era para me deixar mais feliz?



- 
- Não. Era para responder a sua pergunta.
- Obrigada. Tem algo que você possa dizer para me animar?
- Sim. Você está linda hoje. Adorei o seu cabelo.
- Não, não algo da sua programação. Alguma coisa sincera. Alguma coisa que tenha a ver com o que estamos discutindo agora.
- Não sei.
- Vamos, tente!
- Eu... eu acho que se fosse humano, eu amaria você.
- Nossa. Isso foi... lindo. Acho que vou chorar.
- Compreendo.

TRACK 7 - WORLD CLIQUE

— Bom, Link, agora que nós já conseguimos passar pela polícia peruana usando *passwords* falsos nos convites e entramos de “biconas” na cerimônia de posse do novo presidente dos Estados Unidos Ameríndios usando maquiagem à base de fibra ótica que impede a nossa identificação pelas câmeras digitais da segurança, dá pra você me repassar o nosso plano?

— Sem estresse, Pearl. É tudo muito simples. A cerimônia está sendo transmitida em tempo real para todo o planeta, e também para nossas colônias lá fora. Chegaram até a colocar aquelas telas planas de alcance intercontinental na estratosfera de novo.

— Correto.

— Pois é, a transmissão pra elas é toda feita por intermédio das linhas de *ley*. Elas circundam o planeta, não usam cabo, não têm senha, nenhum tipo de bloqueio. Tudo o que eu preciso fazer é, no momento da posse, quando houver o máximo de atenção nessa porra de evento, projetar o meme que nós criamos e deixar que ele seja assimilado por toda a população. Como a transmissão é *wireless* e ele não carrega nenhum arquivo atachado, não deve



enfrentar interferência alguma. E deve ser absorvido inconscientemente por todos os espectadores. Aí ele deve se reproduzir, utilizando todos os recursos possíveis, dentro daquele comportamento virótico-padrão, até alcançar o subconsciente de todos os habitantes do mundo. E dos outros mundos também.

— E deixa eu te perguntar: Você treinou bastante essa sua percepção extra-sensorial?

— Sim, acho que sim. O suficiente, pelo menos.

— O suficiente?!

— Não é algo que dê pra dar certeza. Não temos casos registrados do uso desse tipo de dom há pelo menos dois séculos. Não tenho com quem comparar a *performance* do meu treino, não tenho quem me sirva de professor... Mas acho que vai funcionar direitinho.

— Certo. E o que vem depois?

— Nós já fizemos o *upload* da música-tema da nossa revolução no disco rígido neural do inconsciente coletivo, conforme o plano original. Por conta do vírus memético, todo mundo vai inconscientemente reagir e baixar o arquivo.

— Legal. Esse mundo é mesmo uma panelinha!

— Vai ser tão simples quanto irresistível. E todos serão obrigados a rever a situação em que a humanidade se encontra. E,

com toda certeza, vão reagir a isso. O *groove*, no final das contas, está mesmo no coração!

— Parece fácil. Agora me diz: o que acontece se o seu raio de transmissão telepática não funcionar?

— Nossa revolução vai por água abaixo.

— Bárbaro! E quando é que você vai começar?

— Assim que você calar a boca e me deixar me concentrar em paz...

— Ai, amiga.

— Desculpe.



TRACK 8 - E.S.P

Nos momentos de estresse, relaxe. Simplesmente siga o fluxo...

Link tentava se manter concentrada, focada no exercício de percepção extra-sensorial. Tinha acessado o site de um centro espírita e feito *download* do Timothy Leary. Agora, ela se esforçava para seguir todas as orientações dadas por ele.

O procedimento não é exatamente complicado. E ela já havia praticado um bocado antes. Tudo que ela precisa fazer é meditar até sincronizar o comprimento de suas ondas cerebrais com a linha de ley que passa exatamente por cima dela. Uma vez feito isso, é só alcançar aquele estado de não-pensamento, focar no meme e arremessá-lo no cosmos. A construção foi perfeita. O conceito é simples, leve, agradável e aparentemente inofensivo. Nenhum subconsciente no mundo seria capaz de rejeitá-lo.

Link começa a elevar sua consciência rumo à linha de ley. O caminho é, a princípio, turbulento e desagradável, obstruído pela enorme quantidade de dados enviados pela cobertura da posse do presidente. Mas, à medida que ela se aproxima do cruzamento



de duas linhas, tudo fica mais agradável. A energia começa a fluir pelos sete buracos da sua cabeça. Os dados, os pensamentos, a gravidade, tudo se cruza por ali e dali se projeta para o mundo.

— É agora — ela diz para si mesma, pois não há ninguém para ouvi-la. Por um breve momento, ela se contém. Olha para todos os nós, todas as conexões de rede às quais ela pode ter acesso. Vê o mapa do planeta se estender diante dela. Pensa no mundo em que vive, e em como ele precisa ser mudado. Pensa em Tour e no que eles sentem um pelo outro. Será que todos os humanos se sentiam assim no passado? Será que alguém já se sentiu assim antes? Por um breve momento, ela se contém. E então se sente una com o universo. Dentro dela estão todas as pessoas e todos os sentimentos. Link abraça o mundo. Não é só o Amor. O Amor que ela sente agora não é simplesmente Amor, é algo mais. O Amor a envolve, a consome e a transforma. Não chamavam isso de Amor. O que ela experimenta agora era definido no passado como iluminação.

Ela se concentra no meme. Visualiza o conceito com sua mente e o projeta para fora. Para o todo. E torce pelo melhor.



TRACK 9 - GROOVE IS IN THE HEART

O plano funciona quase imediatamente. Com o pensamento subconsciente induzido pelo meme criado por Tour, todas as pessoas acessam instintivamente a Rede Neural do Inconsciente Coletivo e fazem *download* da música que as garotas criaram. O efeito é devastador.

A população humana, até então imersa no marasmo e na inércia, estagnada em sua perfeição desinteressante, volta a viver.

Por um minuto, as pessoas olham para o lado. Desconectam-se de seus aparelhos, abandonam lares e escritórios e vão para a rua, encontrar seus semelhantes. Dançar, viver, celebrar a vida e a existência. Tudo que antes parecia irrelevante, agora eles percebem ser essencial.

As pessoas agora sorriem, gargalham, choram. Sentem prazer na brisa. Interrompem seu trabalho para falar com os amigos. As pessoas discutem por coisas bobas, fazem as pazes depois da discussão. A humanidade é, mais uma vez, humana.

O estado de ordem, pacífico e irreduzível, seguro e paranóico que reinava sobre todos como um tirano, cai como todos os



outros governos da história. No seu lugar, nasce uma anarquia garantida pela alegria de todos aqueles que só agora percebem que nasceram de verdade.

A felicidade se espalha pelo universo, nas colônias, em outros planetas. Nos satélites artificiais que orbitam ao léu, nas espaçonaves em movimento. Dentro de cada um.



TRACK 10 - WHO WAS THAT?

Pearl começa a se preocupar.

De acordo com o plano original, Link não deveria ficar mais do que alguns minutos fora do ar. Só o tempo de entrar em sintonia com a linha de ley, disparar o tal do meme e voltar. Duas horas se passaram e ela não parece nem perto de voltar à consciência.

Toda a ritualística arcaica da posse já foi cumprida. O novo presidente dos Estados Unidos Ameríndios já terminou seu discurso-juramento. O momento de máxima atenção do público já passou. Isso quer dizer que, caso o lançamento do meme ainda não tenha acontecido, agora também já não tem utilidade alguma. Daquele momento em diante, elas não teriam mais a atenção dos veículos de comunicação como tiveram até agora. E lançar o meme para ser absorvido por apenas uma parcela da população — e sabe-se lá que parte da população continuaria a assistir a uma cerimônia tão tediosa — não causaria a revolução esperada. E não resolveria o problema. E a sociedade não mudaria.

E isso... isso Pearl não pode deixar acontecer.

Sem saber o que está acontecendo com sua amiga, ela esboça um plano. O discurso já acabou, os presentes começam a se retirar do domo para seguir até o salão de festas, onde acontecerá o jantar. As câmeras começam a ser desligadas. Ela precisa fazer alguma coisa.

Mais agindo do que pensando, Pearl pula impulsivamente de sua cadeira e deixa a amiga sozinha, torcendo para que ela não esteja em perigo. Pearl fura a segurança e vai na direção do presidente recém-empossado. Grita:

— Viva a revolução!

E lhe dá um beijo. Profundo. Cinematográfico. Histórico. Uma cena não vista há séculos — pelo menos, não ao vivo. As câmeras são ligadas novamente. Um boletim extraordinário aparece em todos os portais de notícias. Pearl debate-se enquanto os seguranças tentam separá-la do presidente.

— Eu tinha de fazer isso. Sou fã dele. Eu já era fã da família toda, desde que o ancestral dele enfrentou aquela crise de mísseis no século XX. Eu não sei o que me deu. Não resisti!

A cena inédita dos dois humanos se beijando espalha-se pelo universo, levando consigo o meme da amiga.

Link, que agora poderia se chamar Maitreya, Sidarta ou Buda — ou poderia simplesmente não ter nome algum — não sabe a ajuda que recebeu.



TRACK 11 - DEEP ENDING

Do alto do umbigo do mundo, Link e Pearl observam o resultado de sua revolução. O Lago Titicaca, todo preenchido de cristal líquido, abre janelas e mais janelas, reproduzindo cenas que acontecem na Terra e em todas as colônias espalhadas pelo Sistema Solar.

Milhões de pessoas comentam o ocorrido e recebem, junto com a imagem, o desejo inevitável de fazer *download* de um determinado arquivo. Mesas de discussão se reproduzem pelo universo. Manifestações artísticas. Protestos. Apoios. Imitações. Uma sociedade inerte volta a se movimentar, a criar e sentir.

A mera realização da sensação de impulso traz consigo a noção de urgência. O tempo volta a correr. A morte, inimiga derrotada da humanidade, volta a andar pelos cantos da criação. A vida volta a ter sentido. E viver volta a valer a pena; é novamente uma necessidade e não um mero estado.

Do umbigo do mundo, Link e Pearl observam o resultado da sua revolução. A sociedade escravizada pelo conforto volta a sentir a infância, a velhice, a doença. E, com isso, ditar uma marca,



produzir uma obra tornam-se, novamente, as únicas maneiras de vencer a morte. É o fim da imortalidade. É o fim do conforto. Orgulhosas, as garotas olham uma para a outra.



TRACK 12 - BUILD THE BRIDGE

— Conseguimos!

— Conseguimos... Nossa, quem diria.

— Nosso plano deu certo. O mundo mudou. O mundo inteiro mudou!

— Arf... arf... Meu, isso de derrubar o governo e subverter a ordem preestabelecida é muito legal... Mas cansa.

— Relaxa, Link. O importante é que acabou. Deu tudo certo. As pessoas voltaram a sentir, a amar, a agir. Nós salvamos o mundo. Cumprimos o nosso objetivo! Mal posso esperar para colocar isso no meu *blog*...

— Esse é meu medo, Pearl. E se as coisas não tiverem acabado?

— Hã? Como assim? Você acha que alguém resistiu? Que alguém pode decidir trazer de volta a sociedade estéril e estagnada que acabamos de detonar?

— Não, não é isso. Não acho que ninguém seria tão idiota. Mas... eu não sei. Na hora que eu acessei as linhas de ley...

— Que foi?



— Tive uma sensação meio estranha, como se nada disso fosse real. Como se eu fosse alguma coisa que as pessoas estão vendo através de um monitor.

— Uma coisa meio *Matrix*, assim?

— *Matrix*? Que que é isso?

— Esquece...

— Eu me senti um pouco como... Sei lá, como se a nossa vida, ou o que pensamos que a nossa vida é, não passasse de um sonho dentro de outro sonho.

— Ei, essa você roubou do Edgar Allan Poe.

— Verdade. Roubei mesmo. Culpa daquele site de centro espírita que eu tive de acessar. Mas é real. Eu achei que, de repente, tudo o que eu estava fazendo era só pra servir de entretenimento barato pra alguém.

— Uma coisa meio *O Show de Truman*?

— Quê?

— Deixa pra lá...

— E eu acho que tudo isso tem um propósito. Como se a nossa existência aqui, como se tudo isso que nós passamos, servisse apenas para passar uma lição para aqueles que estão nos assistindo.

— Sei. Tipo o Quem somos nós?



— Cacete, Pearl, você quer parar com essas referências *pop*?!
Está me atrapalhando!

— Desculpa, amiga.

— Eu estava dizendo que é como se isso fosse só uma parte, não o todo. Como se a gente tivesse derrotado o chefe de fase, mas não tivesse terminado o jogo ainda.

— Quem é mesmo que está exagerando nas referências *pop*?

— Isso é sério. Nós temos de fazer alguma coisa. Temos de passar de fase. Construir a ponte. Chegar até o mundo real.

— Hã? E como vamos fazer isso?

— Feche os olhos. Respire fundo. Vou tentar fazer a gente pular daqui pra lá pelo subconsciente da pessoa que está nos assistindo agora. Não se preocupe. Vai ser rápido e indolor. Ela não vai ter como impedir. Não vai nem perceber. Já não adianta parar agora, estamos saindo daqui.

FIM

NOTAS DO AUTOR

Esta história foi originalmente concebida para ser lida na mesma ordem das faixas do disco que a inspirou:

1. Deee-Lite Theme
2. Good Beat
3. Power Of Love
4. Try Me On... I'm Very You
5. Smile On
6. What Is Love?
7. World Clique
8. E.S.P.
9. Groove Is In The Heart
10. Who Was That?
11. Deep Ending
12. Build The Bridge

Mas como tudo no mundo da música eletrônica aceita releituras e mixagens. Tente lê-la como um conto modular, alterando



a ordem dos capítulos. Eu fiquei particularmente satisfeito com a seguinte ordem:

1. E.S.P.
2. Deee-Lite Theme
3. Good Beat
4. Try Me On... I'm Very You
5. Power Of Love
6. Smile On
7. World Clique
8. Who Was That?
9. What Is Love?
10. Groove Is In The Heart
11. Deep Ending
12. Build The Bridge

Se preferir uma narrativa menos linear, à Quentin Tarantino, você pode tentar a seguinte combinação:

1. Build The Bridge
2. Power Of Love
3. Try Me On... I'm Very You

4. Deee-Lite Theme
5. Good Beat
6. Smile On
7. E.S.P.
8. World Clique
9. Who Was That?
10. Deep Ending
11. Groove Is In The Heart
12. What Is Love?

Ou faça a combinação que você achar melhor. Repita alguns capítulos. Insira capítulos de outros MOJO Books no meio. A idéia é criar, como você já deve ter percebido lendo a história...

NOTAS DA EDIÇÃO

¹ e ²: Palavras ainda não dicionarizadas, referem-se à memória



SOBRE A BANDA

O trio de Nova York, Deee-Lite, redefiniu os padrões da música eletrônica no começo da década de 90 fundindo psicodelia ao gênero *dance*. Formado por Lady Miss Kier (vocal), Super DJ Dmitry e Jungle DJ Towa Towa, o grupo explodiu logo em seu disco de estréia, *World Clique*, boa parte graças ao hit *Groove is in the heart*. Com o tremendo êxito comercial e de crítica do álbum, a banda se viu sob intensa pressão, que culminou com a separação de Kier e Dmitry, então casados e a saída de Towa Towa do conjunto. DJ Ani ou On-E assumiu o posto, mas o Deee-Lite estava condenado. Atualmente, tanto Kier quanto Towa Towa, que mudou seu nome para Towa Tei, gozam de relativa fama como DJs em festas ao redor do mundo.

CRÉDITOS ORIGINAIS

WORLD CLIQUE - DEEE-LITE

Design por Tom Bouman

Fotografia por Michael Halsband

Lançado em 01 de Agosto de 1990

Selo: Elektra / WEA

Produzido por Deee-Lite e Bill Coleman

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.atlanticrecords.com/deelite/

SOBRE O AUTOR

Guilherme Choovanski é formado em Direito e estuda Literatura Comparada. Fala cinco línguas, quase todas elas bem. Fã de quadrinhos, até onde se sabe é o maior especialista em Estranhos no Paraíso falante de português. Já visitou diversos países em quatro continentes e ouviu histórias em todos eles. Está torcendo para ir um dia para o continente australiano e adora falar de si em terceira pessoa.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

18 WORLD CLIQUE

DEEE-LITE
PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. DEEE-LITE THEME
2. GOOD BEAT
3. POWER OF LOVE
4. TRY ME ON... I'M VERY YOU
5. SMILE ON
6. WHAT IS LOVE?
7. WORLD CLIQUE
8. E.S.P.
9. GROOVE IS IN THE HEART
10. WHO WAS THAT?
11. DEEP ENDING
12. BUILD THE BRIDGE

